

# Êxodo

A wide-angle photograph of a vast desert landscape with large, smooth, orange sand dunes. A long, single-file line of people is walking across the dunes, starting from the bottom left and curving towards the top right. The sky is a clear, pale blue. The overall scene conveys a sense of a long, arduous journey.

**caminho de liberdade**

# O Antigo Oriente Médio e os patriarcas hebreus



- O Antigo Oriente Médio era uma área de importância estratégica, junção entre os continentes da África, Ásia e Europa. Nessa região se desenvolveram duas das primeiras grandes civilizações da humanidade: Mesopotâmia e Egito. A Mesopotâmia estava sujeita às invasões de povos das montanhas e nômades do deserto, enquanto o Egito estava mais isolado e seguro.

- O culto, nessa região, se concentrava na natureza. Os rios Tigre e Eufrates, na baixa Mesopotâmia, passavam por variáveis e imprevisíveis inundações. No Egito, ao contrário, havia um só rio, o Nilo, regular e previsível – isso infundiu nos faraós uma forte convicção de segurança que os elevou ao nível de deuses diante do povo.

- Os mesopotâmios tinham a impressão de que o destino de sua terra era decidido a cada ano pelos deuses e não por um Deus único, detentor do poder absoluto. O Egito, ao invés, considerava o seu mundo como resultado de um único processo criativo, assim como o Nilo era o único fator de sua economia. A autoridade do rei era absoluta e incontestável.

- Pelos meados do segundo milênio a.C., uma seca generalizada, devido à mudança brusca do clima na região, colocou em movimento certos povos do sudoeste asiático.

- Entre esses forasteiros (*hapiru* – hebreus) nômades estava *Abraão* que, por volta do século XVIII a.C., deixa, juntamente com sua esposa e outros semitas, a região de Harã ou Ur e se estabelece em Canaã (Gn 11,31.12,1-5), onde depara-se com o pensamento e o estilo de vida próprio dos cananeus.

- Com a instalação em Canaã inicia-se, também, o processo de inculturação. Adorador de *Sin* e *Ningal*, deuses locais de Harã, Abraão chega a Canaã e põe-se a serviço do deus local – *El* – adorando-o. Até aqui Abraão não fez senão comportar-se como qualquer homem de sua época, troca de deus ao trocar de país.



- *Acontece, entretanto, algo que parece único na história das religiões: esse Deus ao qual Abraão se dirige faz uma aliança com ele, num rito no qual lhe concede fecundidade como dom e fruto da promessa (cf. Gn 15,5-7.18; 17,1-14). Esse é o ponto de partida da fé para os filhos de Abraão: judeus, muçulmanos e cristãos.*

- Esse elemento é fundamental e destoante das tradições médio-orientais antigas: a forma de religião, baseada no *clã familiar* (Ex 3,6) escolhido livremente pelo *Deus único*, que com os primeiros pais faz uma *aliança* que perdura pelas gerações subsequentes, sem exigência alguma além da *fidelidade* ao Senhor, por parte dos eleitos, que dá à religião e à fé uma forte conotação histórica.

- O monoteísmo é original dos filhos de Abraão e constitui o forte elemento unificador da identidade desse povo através dos séculos.

# O Êxodo – a experiência fundamental da religião de Israel



- Dentre os livros que encontramos na Bíblia, o Êxodo se destaca por contar a experiência mais significativa de Israel, o mais relevante contato com o Senhor Deus e seu amor misericordioso que gera sua própria identidade:

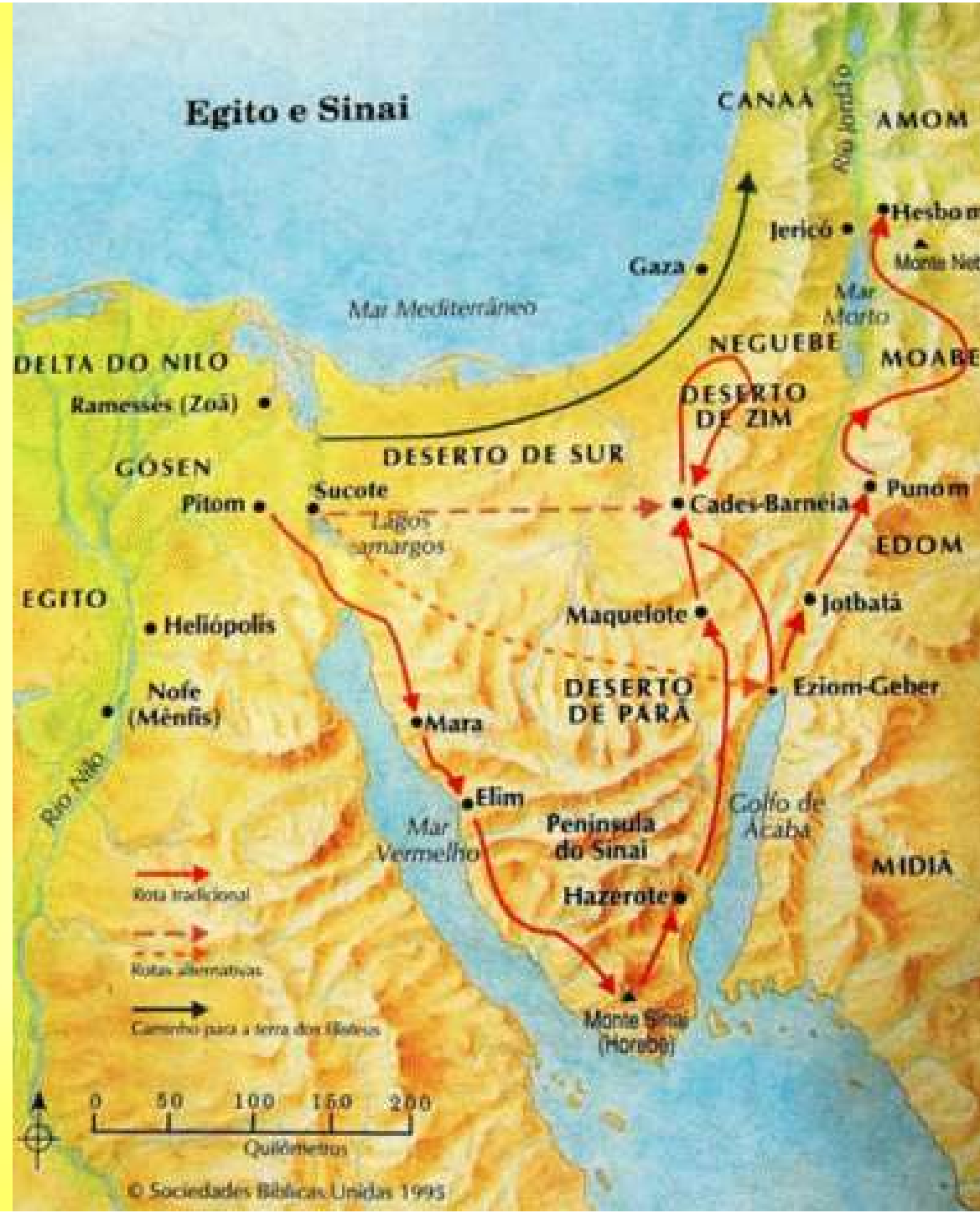
- Israel é o povo de Deus, povo que Ele mesmo conduz, retira da escravidão e leva à liberdade. Deus tira Israel do Egito e o encaminha para a Terra Prometida – da escravidão à liberdade – das trevas à luz.

- Divisão esquemática do Ex:
  - a) da opressão à libertação – Ex 1,1-15,21
  - b) a caminhada no deserto – Ex 15,22-18,27
  - c) Aliança no Sinai – Ex 19,1-24,18
  - d) organização do culto e prescrições – Ex 25,1-31,18
  - e) ruptura e renovação da Aliança – Ex 32,1-34,35
  - f) execução das disposições de culto – Ex 35,1-40,38

- Faremos uma rápida memória de como o Israel chegou ao Egito e como de lá saiu.



# Egito e Sinai



# *José e o Egito*

- Os capítulos de Gn 37-50 são como que o prólogo do livro do Êxodo. José, filho de Jacó (=Israel), o filho predileto, é vendido, por seus irmãos enciumados, a um mercador em direção ao Egito. Lá, foi vendido a um alto funcionário do Faraó e, entre as mais diversas peripécias, chega também ele à corte egípcia. Torna-se o encarregado de toda a administração imperial, assumindo o posto de vice-rei do Egito.

- No Egito, assim, fixaram-se os filhos de Jacó por um bom período de tempo, trabalhando na terra não como intrusos, mas como hóspedes bem-vindos. Verídica ou não essa narrativa, o fato é que o povo israelita foi para o Egito e lá organizou sua vida durante longos anos, pacificamente.

- Contudo, “*surgiu no Egito um novo rei, que não conheceria José*” (Ex 1,8). Esse novo rei, vendo a prosperidade israelita, imputa-lhe trabalhos forçados, altos impostos... começa a época da opressão de Israel no Egito.

# *Moisés*

- Até mesmo a matança de recém-nascidos fora decretada para conter o aumento dos descendentes dos *hebreus*, os estrangeiros israelitas. Contudo, muitas crianças sobrevivem. Uma delas merece um destaque especial: *Moisés*

- Por matar um egípcio ao defender um israelita, é perseguido pelo Faraó, foge para a região de Madiã e lá começa uma nova vida (Ex 2,1-22).

- *“Passado muito tempo, morreu o rei do Egito. Os israelitas continuavam gemendo e clamando sob dura escravidão, e, do meio da escravidão, seu grito de socorro subiu até Deus. Deus ouviu os seus lamentos e lembrou-se da aliança com Abraão, Isaac e Jacó. Deus olhou para os israelitas e tomou conhecimento” (Ex 2,23-25).*

- Porém, Deus não quer fazer as coisas sozinho – ele quer ajudantes nessa empreitada. E vai atrás de Moisés, no deserto de Madiã...



# *Deus revela seu nome*



“Eu sou aquele que sou”

“Eu sou aquele que é”

“Eu sou aquele que serei”

“Eu sou aquele que estou (aí, contigo)”

**YHWH**

IAHWEH, YAHWEH, JAVÉ, JEOVÁ

ο Κυριος

“ο Senhor”

## *O êxodo – o povo foge sob a guia de Moisés e a proteção do Senhor*

- Moisés, após relutar com o Senhor (Ex 4,1-17), aceita a missão de conduzir os hebreus à liberdade. Procura Aarão e os anciãos de Israel para encontrarem-se com Faraó e pedir sua liberdade.

- O grande desafio de Deus e seu povo não é uma batalha contra os deuses egípcios (nem sequer mencionados no relato bíblico), mas seu maior obstáculo é a *dureza de coração do Faraó* (Ex 7,13.14.22;8,28;9,7.12.35;10,20.27), que não os deixa partir.

- O grupo dos israelitas, entretanto, não desanima – com a mão poderosa de YHWH e seus prodígios (Ex 7-12) eles saem da terra da escravidão.



- Antes da fuga do grupo de Moisés, é instituída a *Páscoa*, a principal festa religiosa de Israel, a memória da saída do povo da escravidão do Egito, a ser celebrada de geração em geração (Ex 12-13), marcada pela ceia do cordeiro (Ex 12,1-14) e dos pães ázimos (Ex 12,15-20).



- O sangue do cordeiro sacrificado, sob a porta da casa dos israelitas, era o sinal que fazia o *anjo exterminador* passar *adiante da casa* e não ferir os primogênitos. Nessa mesma noite o *povo saiu da terra para passar pelo mar a pé enxuto*. A derrota do Faraó na perseguição mar adentro (Ex 14,1-31) é obra da mão maravilhosa do Senhor! (Ex 15,1-13)





- O Êxodo é um acontecimento sempre vivo. Deve ser lembrado sempre, perpetuado de geração em geração. É a história de um povo a caminho, de um Deus que caminha com o seu povo. Depois da saída, da euforia da vitória sobre os egípcios... é preciso ainda caminhar.

# A caminhada no deserto



- Israel enfrenta, agora, inúmeros desafios e dificuldades, em seu itinerário pelo deserto, rumo à Terra Prometida. Será este um processo de “educação para a liberdade”, que provocará rebeldia e murmurações, resultados da preferência por retroceder e acomodar-se à situação da escravidão, a ter que enfrentar os riscos, a empenhar-se e ser criativo, exigências para a formação da consciência de um povo livre.

- Tal como um pedagogo, Deus conduzirá, ensinará e acompanhará o processo de educação de seu povo para a vida, o processo de maturação de Israel, numa relação dialogal e amorosa.

# *O deserto na Bíblia*

- Antes de se consolidar a Aliança de Deus com seu povo, este é conduzido ao deserto. O deserto é lugar de carências, de vazio, de dúvidas, de tentação. Deserto é sinônimo de crise, de preparação, de aprendizado, de renovação. É lugar de purificação, de tomada de consciência do projeto de YHWH e de renovação de uma geração para assumi-lo com fidelidade. É o lugar do encontro do homem com Deus.

- O deserto é, antes de tudo, risco positivo – pode tornar-se o lugar da intimidade e do diálogo. Deus, como pastor, guia seu rebanho pelo deserto (Sl 78,52). Os profetas veem o deserto como o momento do noivado do Senhor com Israel (Os 2,16-17).

- João Batista é, por excelência, homem do deserto. Ele se compreende como a própria “voz que clama no deserto: ‘Aplainai os caminhos do Senhor!’” (Jo 1,23).



- Também Jesus entende o sentido preparatório do deserto. Ele se retira para o deserto antes de iniciar sua missão messiânica. Nele, entra em profunda comunhão com o Pai e fortifica seu espírito.



- Deserto é, além disso, lugar de itinerância, de transição entre a escravidão deixada para trás e a Terra Prometida, que ainda não foi conquistada. No deserto, acampar e retomar a caminhada serão uma constante.

- Acostumados à escravidão, os hebreus não aprenderam a ser livres. O deserto será a grande escola da liberdade, onde eles aprenderão a ser responsáveis consigo mesmos, criativos para lidar com as necessidades da caminhada, perseverantes na sua fé.

# *Os desafios da caminhada*

*A falta de água e a sede*

*Ex 15,22-27.17,1-7*

- No caminho de três dias pelo deserto, a sede aperta. O terceiro dia era considerado o tempo da intervenção divina (Ex 19,10-11). A água é fundamental para a vida, é considerada bênção de Deus (Os 14,6; Sl 133).

- O povo murmura, pois a água é amarga, *Mara*. Moisés, então, intercede pelo povo, e o Senhor o escuta. Há aqui uma crise de liderança: o povo é posto à prova, bate a dúvida; mas Deus mostra que está presente junto a seu povo – na figura de seu pastor Ele continua a caminhar com Israel.

- O povo discute, *Meriba*, põe Moisés e, nele, o poder do próprio Senhor, à prova, *Massa*. Israel faz sua reflexão sobre a própria caminhada através das provações sofridas. E aí, “*O Senhor está no meio de nós, ou não?*” (Ex 17,7).

- Na tradição judaica, a rocha acompanhará os israelitas em toda a sua peregrinação no deserto. YHWH é o rochedo (Sl 18,3). Ao lado do símbolo da rocha, também o cajado ou bastão usado por Moisés tem lugar proeminente – simboliza o poder divino, que age por meio dele para proteger Israel (Ex 7,17;9,23;10,13;14,16;17,5;17,9).

*A fome e a tentação do acúmulo*  
*Ex 16,1-35*



- Os fugitivos foram se ajeitando como dava, na nova realidade em que se encontravam. Agora há a escassez da comida. Recomeçam os murmúrios. O sofrimento do momento distorce a memória do passado. O Egito, lugar da dura opressão, agora, no deserto, vira o lugar da fartura, da carne e do pão – parece que o povo sente saudade da escravidão e tem medo da liberdade.

- *As codornizes* eram aves migratórias que, ao voltar de um certo período na Europa, exaustas, eram facilmente abatidas por homens e animais na região desértica entre o Egito e Canaã.

- O *maná* era um alimento mais curioso (“*Man hu?* Que é isso?” – Ex 16,15), que pode ser explicado de duas formas plausíveis: 1) era a resina de uma árvore existente na região central do Sinai, parecido com uma semente de coentro. Colhido, era moído cozido e servia para o preparo de bolos; 2) era uma secreção de insetos que se alimentavam da resina de uma árvore típica da região.

- O importante aqui é, contudo, destacar que o povo de Deus revê e relê nesses fatos a providência especial de Deus para consigo.

- Contudo, uma tentação ronda e é preciso tomar cuidado: o *acúmulo*. A colheita do maná devia obedecer a uma distribuição igualitária: todos tinham direito a igual porção, de tal modo que não faltasse para ninguém e nem sobrasse de ninguém. Em vista disto, era proibido acumular qualquer excedente que produzisse o senso de posse e desigualdade. Era assim no Egito. Não deve ser assim em Israel.

- A colheita do sexto dia marca uma nova etapa da vida dos israelitas: o *sábado*, o dia do descanso, deve ser consagrado ao Senhor e não absorvido em tarefas e trabalho. O sábado simboliza a passagem de uma vida escrava a uma vida livre, em que o ser humano tem o direito de se refazer do trabalho cotidiano. O mundo da técnica e do lucro cria a imagem ilusória do mundo que “nunca dorme”, que gera o lucro desmedido e a miséria irremediável.

*O conflito externo*  
*Ex 17,8-16*

- O combate de Israel contra Amalec deu-se na entrada do grupo de Moisés nas divisas do território cananeu – uma hostilidade que atrasa o projeto da tomada da Terra Prometida. Mas aqui também a mão do Senhor se manifesta.



- Havia, antes, dificuldades internas ao grupo – murmurações e dúvidas quanto à presença do Senhor, seu projeto de libertação e a liderança de Moisés. Agora surge um novo problema: um inimigo externo. Dissemina-se entre o povo peregrino o sentimento de pertença, a identidade como tal. Sem isso, não é possível enfrentar o inimigo. YHWH, o Deus da caminhada, liberta e protege seu povo.

- Essa concepção de *guerra santa* se dá a partir da mentalidade da lei do puro e do impuro e do combate à idolatria, centro de preocupações da religião judaica nascente à época da redação do texto bíblico (pós-exílio babilônico). Exterminar o inimigo é remover a impureza do meio de Israel. É essa visão fundamentalista que legitima o massacre.

- Preconceitos devem ser colocados à parte: o Senhor, Deus da liberdade, é também um Deus de paz. Não a *pax romana*, baseada na dominação e extermínio dos povos, mas o *shalom*, a plenitude de todos os bens. Deus quer que superemos nossas diferenças étnicas, culturais, econômicas... e construamos um mundo de iguais, respeitando a individualidade característica do espírito humano.

- Uma coisa já começa a se delinear nesse episódio – há o espaço da *ação* e o espaço da *oração*. Uns lutam, outros rezam – as funções devem ser divididas, partilhadas. Um ajuda o outro e o inimigo, seja qual for, é derrotado. A bandeira do Senhor é a união das forças!

*As relações familiares*  
*Ex 18,1-12*

- A unidade social básica era o *clã*, uma espécie de família ampliada, constituída de duas ou mais famílias com várias gerações. Uma casa chegava a ter entre cinquenta e oitenta pessoas. Todos os membros participavam ativamente das diferentes tarefas da subsistência e da manutenção da casa.

- Infelizmente, esse modelo social gerava desigualdades, era altamente excludente. A maior vítima de tal exclusão era a mulher, subordinada direta e totalmente a seu pai ou marido, como posse sua. O papel público da mulher inexistia.

- Os homens entram na tenda e oferecem sacrifícios a Deus (Ex 18,12), mas ficam de fora a mulher e as crianças – são impuros. O sistema patriarcal e teocrático marginaliza a mulher. Sua função se restringe a pastorear rebanhos, buscar água nos poços, cozinhar, tecer, ajudar nos partos e satisfazer as necessidades sexuais dos homens. A lei, que deveria unir, divide, subjuga, escraviza.



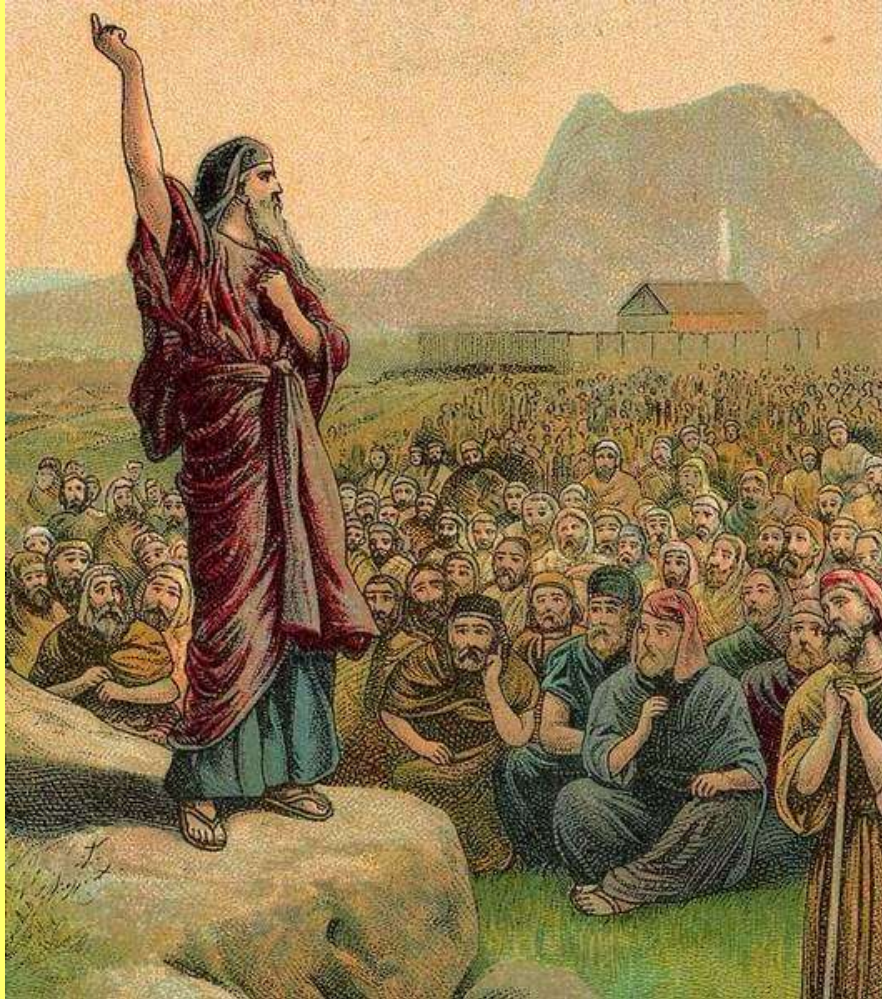
- Deus, no princípio, criara homem e mulher complementares entre si: a mulher é retirada da costela do homem (Gn 2,22), simbolizando sua igualdade – eles devem caminhar lado a lado, pois ambos são imagem e semelhança de Deus (Gn 1,27)!

*A descentralização do poder*  
*Ex 18,13-27*

- Moisés era o homem de Deus (Dt 34, 10-12). Seu chamado ímpar não significava, contudo, que deveria assumir sozinho as responsabilidades de organização e provisão das necessidades do povo israelita. O velho sogro de Moisés dá a ele uma preciosa dica: dividir as tarefas, partilhar o poder.

- A voz da experiência de Jetro começa a promover a autonomia do povo: o poder dividido, a responsabilidade compartilhada leva a um maior compromisso com a causa da libertação. Cada grupo e, assim, todo o povo, passa a ser responsável por suas próprias decisões, pelos caminhos escolhidos, pelos rumos tomados.

- A justiça é o critério básico do bom servidor do povo de Deus, daquele que caminha à frente de seus irmãos, mostrando o caminho de Deus, caminho de vida e liberdade, partilha e justiça, fé e comunhão.



*Israel:  
povo  
eleito,  
povo da  
Aliança*

- A *eleição* é expressão do amor de YHWH (Dt 4,35-38; 7,6-8), é promessa de Deus e responsabilidade humana (Ex 19,4-6). Por ele, Israel se torna povo consagrado (Dt 14,2), propriedade de Deus; por isso, deve reconhecer somente o Senhor como Deus e guardar seus mandamentos (Ex 15,26; Dt 4,39-40;7,11).

- A eleição comporta uma promessa, ratificada numa Aliança: com Noé (Gn 9,9-11), com Abraão (Gn 15,18;17,4), com Moisés e o povo de Israel (Ex 24, 1-11). Cada uma tem seu próprio sinal visível: o arco nas nuvens (Gn 9,13), a circuncisão (Gn 17,10-11), a Arca e as tábuas da Lei (Ex 25,10-22).



- Após receber as instruções da Lei (Ex 20,1-17;21,1-23,33), Moisés e o povo celebram a Aliança com YHWH pelo rito da aspersão do sangue do holocausto e pelo banquete do sacrifício (Ex 24,3-11). Essa instituição perene se fará na história e na memória de Israel.

- A Aliança não deve ser encarada como mero gesto simbólico ou ritual. Não pode ser esvaziada em um código legislativo como qualquer outro. A Lei do Senhor é “lâmpada para os pés e luz para o caminho” (Sl 119,105) de Israel, gravada nos corações e transmitida a todas as pessoas em todos os lugares e tempos (Dt 11,18-21).

- À ideia de povo eleito não se pode ligar a de “único povo”, uma exclusividade. Israel é nação santa e sacerdotal como sinal para as nações, como luz de fé no Deus verdadeiro, para todas as nações (Is 42,6).



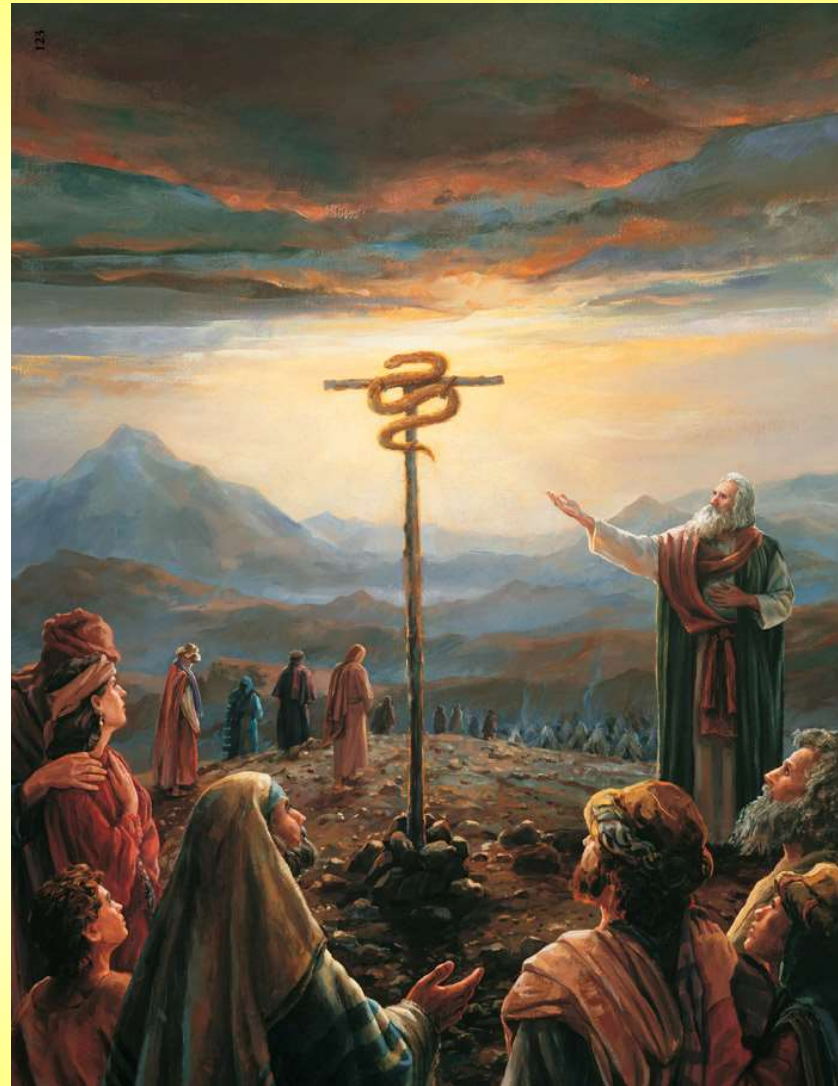
# *O pecado contra o Senhor: a idolatria*



- O grande perigo do encontro cultural cananeu e israelita é o sincretismo religioso. Os escritores sagrados querem evitar a substituição do Deus por um ídolo (falso deus), têm a preocupação de defender o monoteísmo da fé de Israel em YHWH. O risco da idolatria é grande na região devido aos cultos de fertilidade amplamente realizados em honra de Baal e Astarte.



- Ex 20,4-5
- Ex 25,17-21
- Nm 21,6-9



- O sentido das imagens cristãs está na linha da serpente de bronze, segundo a explicação dada em Sb 16,7: *“quem se voltava era curado, não por aquilo que via, mas por ti, salvador de todos”*. Nos sinais da história dos homens, o grande desafio é reconhecer a mão salvadora do Senhor. É a vida humana, mas a graça provém só do Senhor.